

Infância e bullying em *Somos todos extraordinários*, de R. J. Palacio

CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

GABRIELE DE LIMA GONZAGA

MAYANE VIEIRA DE ASSUNÇÃO

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura interpretativa do livro de Literatura infantil *Somos todos extraordinários* (2017), da autora e designer gráfica Raquel Palácio, com o intuito de analisar a relação entre os temas da infância, do bullying e da dificuldade da criança com deficiência física em se inserir nos espaços sociais, como a escola. A partir das ações de bullying sofridas pelo protagonista do livro *Auggie Pullman*, procuraremos demonstrar as inusitadas iniciativas do menino de promover um processo de inclusão social para superar as demandas de preconceito de muitos colegas da escola no que diz respeito a sua aparência física. Para tanto, esta pesquisa foi realizada por um viés de revisão de literatura embasada em Sampaio (2019), no que tange às discussões de bullying, interação e escola, assim como Alves e Castro (2017), Giroto (2015) e Potti (2008) sobre a questão da criança e da infância, que serviram de alicerce teórico para argumentação desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Inclusão. Bullying.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es presentar una lectura interpretativa del libro de Literatura infantil *Somos todos extraordinarios* (2017), de la autora y diseñadora gráfica Raquel Palácio, para analizar la relación entre los temas de la infancia, el bullying y la dificultad del niño con discapacidades físicas al insertarse en espacios sociales, como la escuela. Eso, por las acciones de intimidación sufridas por el protagonista del libro *Auggie Pullman*, así como por demostrar las inusuales iniciativas del niño para promover un proceso de inclusión social para superar las demandas de prejuicio de muchos compañeros de escuela con respecto a su apariencia física. Con este fin, esta investigación se realizó a través de un sesgo de revisión de la literatura basado en Sampaio (2019), con respecto a las discusiones sobre el acoso escolar, la interacción y la escuela, así como Alves y Castro (2017), Giroto (2015) y Potti (2008) sobre el tema de los niños y la infancia, que sirvió de base teórica para los argumentos de esta investigación.

PALABRAS CLAVE: Infancia. Inclusión. Bullying.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Um olhar gentil enxerga o que há de mais extraordinário. (PALACIO, 2017, p. 32).

Raquel Jaramillo Palacio – R.J. Palacio – nasceu em 13 de julho de 1963 nos Estados Unidos da América. Hoje, reside em Nova York com a família. Atuou como Diretora de Arte e Designer gráfica por mais de duas décadas. Escreveu *Extraordinário* (2012), *365 dias extraordinários* (2014), *Auggie & eu* (2015), *Diário extraordinário* (2015); *Somos todos extraordinários* (2017) e *White Bird* (2019). Em 2015, venceu o Mark Twain Readers Award. Em todos os seus livros, a autora encara o desafio de enfrentar os preconceitos sociais e promover uma verdadeira e ampla ação de conscientização coletiva pela Literatura que escreve. Além de esses temas estarem presentes em seus livros, ela iniciou uma campanha antibullying no site: www.choosekind.tumblr.com para informar, orientar e sensibilizar as pessoas sobre as ações maléficas que o bullying pode causar, sobretudo na vida das crianças.

Partindo-se dessas pequenas notas sobre a autora e sua Literatura de conscientização e de sensibilização é que se propôs, neste artigo, sinalizar em uma leitura específica esta questão do bullying sofrida pela criança em *Somos todos extraordinários*, livro infantil que narra a história do personagem central Auggie Pullman. Embora o livro seja classificado como Literatura infantojuvenil, em princípio, escrito para a criança e para o adolescente e lidos por eles, é também uma Literatura que seduz e que deve ser lida por adultos, haja vista que tem um alerta todo especial da autora no que concerne ao tema central abordado na narrativa e que leva todos a refletir sobre a posição de Auggie, que vivencia o isolamento social devido às muitas investidas de bullying das outras pessoas ditas normais por elas não terem a deficiência física dele.

Desta forma, lido *Somos todos extraordinários* nesse prisma, volta-se à reflexão do papel do texto literário infantil destinado ao tom pedagógico da Literatura infantojuvenil ainda na origem da Antiguidade Clássica. Nesse período, discutia-se a função do texto literário inserido na pedagogia do educar e do divertir;

do formar o caráter do leitor a partir da leitura literária, que hoje abrange a relação criança/adolescente/adulto, uma vez que temas sociais, que afligem a condição de vida das personagens nas páginas literárias, como os conflitos vividos e enfrentados pelo pequeno Auggie, podem ser releituras de vidas de todos os leitores do livro.

Nesse sentido, nas próximas seções desta investigação, tratar-se-á de apresentar uma análise dessas angústias de Auggie, resultado da ação violenta do bullying com o qual ele tem que conviver devido a sua aparência, bem como de retratar os modos criados por ele para superar esse trauma. Depois, segue-se para as notas conclusivas deste estudo.

AUGGIE, ENTRE A INFÂNCIA E O BULLYING

Auggie Pullman é um menino de dez anos com uma enorme deformidade facial que começa a frequentar a escola pela primeira vez. Por sua deformidade, os outros se afastam dele. A história de Auggie em *Somos todos extraordinários* é uma narrativa curta, mas é repleta de ternura e encanto, pois Auggie procura outros meios para enfrentar o isolamento social, como a brincadeira e a companhia de sua fiel cachorrinha, chamada Daisy. Pelas ações de Auggie o que se percebe é que a infância se torna ou vai se tornar para ele uma das épocas mais importantes de sua vida. Para Alves e Castro (2017, p. 493-494):

Uma das épocas mais importantes da vida de um ser humano, sem dúvidas, é a infância. Cabe a este período um dos principais processos de formação da educação de uma criança. E, a presença da família e da escola formam juntas as bases sociais que permutarão por todo o restante da vivência da criança em sociedade. Há vários fatores responsáveis que contribuem direto ou indiretamente para a formação humana infantil. Dentre eles, pode-se citar um dos instrumentos mais vitais para o universo infantil: a presença de um brinquedo, pois o brincar é parte integrante da vida social e é um processo interpretativo valoroso na formação da identidade infantil e revitalização da memória do sujeito quando este se tornar adulto. (ALVES; CASTRO, 2017, p. 493-494).

Na obra literária em análise, por exemplo, a escola não cumpre com seu papel de espaço acolhedor para uma criança que apresenta uma deficiência física. Pelo contrário, ela representa para Auggie um lugar de recusa, em que ele sofre chacotas e ofensas de seus amigos por apresentar uma aparência diferente. No livro, Palacio não explora a situação familiar de Auggie (apenas uma pequena referência à figura da mãe, como alguém carinhosa, que acha Auggie extraordinário). Mas, destaca o brinquedo, a brincadeira, a infância e a imaginação como válvulas de escape do mundo real de Auggie. Do seu modo particular, Auggie encara essa fase da vida – a infância – como qualquer outra criança, e dedica muito tempo de seu cotidiano às brincadeiras, criação de novos mundos e fantasias.

Esta particularidade da história da Auggie é, todo momento, ressaltada na narrativa pela autora, que escolheu o foco narrativo em primeira pessoa – narrador- personagem – para apresentar Auggie, para descrevê-lo como uma criança que faz aquilo que todas as demais ou a maioria delas faz, como se observa no trecho do livro:

Sei que não sou um garoto comum. É claro, eu faço coisas comuns. Ando de bicicleta. Tomo sorvete. Jogo bola. Só não tenho uma aparência comum. Não sou como as outras crianças. Minha mãe diz que eu sou único. Que sou extraordinário. Minha cachorrinha, Daisy, concorda com ela. (PALACIO, 2017, p. 4-10).

Esse contexto de apresentação de Auggie para os leitores ecoa como uma abordagem comprometida e de engajamento da autora com o público para o qual ela direciona a temática de seu livro. Isso acontece porque Palacio intenciona alcançar todos os públicos para chamar atenção de um assunto social que faz parte da vida de todos e se torna, infelizmente, cotidiano. Ações como essas por parte de quem escreve a Literatura infantil levam em consideração o contexto em que ocorreria o resgate de memória da infância, que remete a uma “sensibilidade que permeia a realidade de todo mundo, é interessante chamar a atenção para uma especificidade que só o texto literário tem: a capacidade de chegar ao receptor infantil e ao adulto.” (POTTI, 2008, p. 19).

Em *Somos todos extraordinários* ocorre esse resgate da infância, capaz de alcançar todas as idades, por meio de uma forma muito particular de narrativa curta e simples, somada a uma ilustração carregada de traços coloridos em que imaginação, infância, brincadeira, gentileza e ternura se encontram. Para demonstração disso, selecionou-se a ilustração da autora:

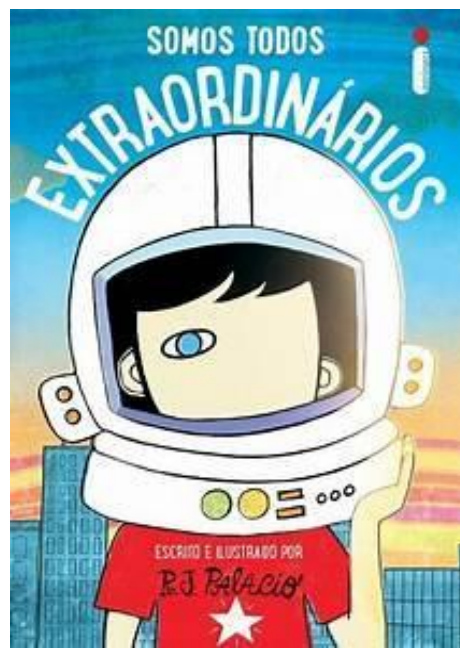


Figura 1: Capa do livro

O espaço da infância é um território explorado constantemente por Auggie como uma válvula de escape provisória das invertidas preconceituosas contra sua aparência. Analisando assim, o mundo de brincadeiras criado por ele equivale a:

uma experiência infantil, [em que] é assimilada pela criança como uma das situações mais importantes de seu cotidiano, de uma forma diversificada, ele modifica a rotina da mesma, possibilitando inúmeros significados a ocupação de seu tempo. (ALVES; CASTRO, 2017, p. 494)

Por outro lado, Auggie não está isento do olhar de dois olhos maldosos e preconceituosos dos outros. Em especial, dos olhares que ele encontra na escola: “Mas, as pessoas não veem que eu sou extraordinário. Elas só veem que meu rosto é diferente. Às vezes as pessoas ficam me encarando. Apontam, riem. Até dizem coisas cruéis pelas minhas costas. E eu ouço tu-

(...) é por meio de suas histórias que os alunos explicam e entendem esse mundo, em especial as experiências de bullying que eles vivem.

do.” (PALACIO, 2017, p. 11-12). A escola e as pessoas que estão lá se tornam, então, o maior desafio a ser superado por Auggie, já que a escola não cumpre a função de integração, visto que:

espera-se que a escola seja um lugar de aprendizagens e educação. E que nesse lugar, as crianças e jovens estejam seguros, livres de violências e que possam se desenvolver culturalmente, intelectualmente e socialmente. Todavia, a violência vem tomando conta das instituições escolares, atualmente sob o nome de fenômeno bullying, que são atitudes ofensivas e agressivas, tornando a vida escolar de muitos alunos insuportável, um verdadeiro transtorno para o processo de aprendizagem. (SAMPAIO, 2019, p. 162).

Esse transtorno é vivido ficcionalmente por Auggie, quando não tem reciprocidade e compreensão de seus colegas na escola, encontrando na companhia de Daisy e nas brincadeiras melhores recepções.

Para Sampaio (2019, p. 165) “as narrativas que foram produzidas para uma atividade escolar não estão presas à atividade da escola, elas fazem parte das histórias dos alunos, da vida deles”, isso se deve ao fato das pessoas se relacionarem com o mundo através de narrativas. Ainda para a autora, é por meio de suas histórias que os alunos explicam e entendem esse mundo, em especial as experiências de bullying que eles vivem.

Na ilustração seguinte, exemplifica-se a passagem do livro em que Palacio demarca a saída de Auggie, depois de ter, infelizmente, vivido uma experiência de bullying por sua aparência considerada bizarra pelos alunos, comentários e cochichos da turma:



Figura 2: Estado pós- bullying (p. 14-15).

Embora triste com a ação de bullying, Auggie não se deixa vencer pela incompreensão e pelo preconceito de outros e retorna a seu mundo próprio e colorido da fantasia.

Quando isso acontece, eu ponho meu capacete. O da Daisy também. E aí...DECOLAR! Subir! Subir! Subimos pelas nuvens...cruzamos a galáxia...até chegarmos a Plutão! E lá reencontramos velhos amigos. De longe, a Terra parece tão pequena! Não vejo ninguém. Mas, sei que as pessoas estão lá. Bilhões de pessoas. De todas as cores. Gente que anda e fala diferente. Gente com aparência diferente. Como eu! A Terra é muito grande. Cabe todo tipo de gente. (PALACIO, 2017, p. 16-24, grifos da autora).

Pela leitura do fragmento acima, constata-se que essa prática de recomeço pós-ação traumática do bullying é frequente para Auggie e pode-se exemplificar a assertiva pela passagem “E lá reencontramos velhos amigos.” (PALACIO, 2017, p. 23). Os habitantes de Plutão, na descrição imaginativo de Auggie, são seres que também só tem um olho. Interessante a escolha de Plutão (que é considerado planeta no texto), que se leva a lembrar duas leituras. A primeira de que Plutão é o último planeta do sistema solar, escuro. E na

segunda, de Plutão ser a referência ao deus do subterrâneo no panteão da mitologia greco-romana, Plutão é a correspondência romana do deus grego Hades. Nas duas interpretações, referem-se significados de inframundo, inferioridade, indiferente, assim como as pessoas veem Auggie. No entanto, na caracterização das pessoas de Plutão há cores, diversidade; eles gostam de animais e os tratam bem, como se pode observar na figura do pássaro e da cachorra, na ilustração 3.

Outro questionamento que Auggie não compreende é por que, na Terra em que há bilhões de pessoas diferentes, ele com sua própria diferença não pode ser aceito pelos outros também diferentes. Eis uma nota de crítica reflexiva deste texto que pode levar seu leitor, pequeno ou não, a refletir sobre a questão da diferença com base na leitura do texto literário de Palacio.

Na obra em estudo, a função do texto literário infantil traz na narrativa uma tarefa fundamental, isto é, “não se trata de simples ‘recontagem’ ou de mera ‘ficção’ é porque tem como base a vida cotidiana em atualizações.” (GIROTTO, 2015, p. 9). Essas atualizações podem ser percebidas no livro *Somos todos extraordinários* a partir do momento em que a autora destaca temas como: o bullying, preconceito, inaceitação do outro pela aparência, por serem assuntos levantados na história, responsáveis por oprimir, sobretudo um público em tão tenra idade como as crianças, que são no texto de Palacio representadas pela figura de Auggie.



Figura 3:: O povo de Plutão (p. 22- 23).

Vale salientar ainda o trecho: “Quando isso acontece, eu ponho meu capacete.” (PALACIO, 2017, p. 16). Nessa parte do texto, o capacete, como brinquedo, símbolo da infância, corrobora a premissa de que:

O brinquedo, dentre suas inúmeras mensagens, traz para a criança a possibilidade de conhecer o mundo e de estabelecer relações no universo imaginário, da fantasia. Isso porque a criança brinca, disfarça, imita, inventa, representa, cria seu mundo com a ajuda do brinquedo. Assim se estabelece seu processo de conhecimento de si e do outro – como os pais, os irmãos, os familiares, os vizinhos, os amigos, os professores e quem a cerca. (ALVES; CASTRO, 2017, p. 494- 495).

A lição que Auggie traz ao leitor, em especial ao infantil, e, vê-se nele representado é de aceitação. Muitas pessoas não aceitavam Auggie do jeito que ele era por sua deformidade facial, mas Auggie não demonstra raiva ou sentimento contrário ou queria ser dito normal como as outras pessoas. Há apenas um sentimento de tristeza por parte de Auggie pelo fato dos outros não o incluírem nos espaços sociais que ele tem que frequentar, como a escola.

O leitor como Auggie e o leitor que não é como Auggie aprendem a se aceitarem e a aceitarem o outro do jeito que o outro é, respeitando os espaços e os corpos de cada um. Isso é representado pela escrita de Palacio que pode ressignificar o espaço dos temas de Literatura infantil hoje, visto como um cenário “regido por obras que propõem a inscrever uma visão de mundo própria da criança, orientada por aspectos sinestésicos, estéticos e analógicos.” (POTTI, 2008, p. 19), que na obra de Palacio é carregada pela sensibilidade, ternura e gentileza de uma criança que nasceu diferente das outras crianças também diferentes.

NOTAS CONCLUSIVAS

Logo, com as breves considerações de interpretação do livro *Somos todos extraordinários* conclui-se, com esse trabalho, que esta obra é uma leitura essencial no acervo pessoal de todo leitor, da infância à fase adulta por ser uma obra que

apresenta uma riqueza de temas sociais, por meio da Literatura de expressão infantojuvenil, discutidos de forma leve, simples, mas cativante, inspiradora e interessante, como é o caso da obra abordada nesse artigo.

Nota-se também a perspectiva formadora que essa Literatura fomenta por tratar e trabalhar problemas sociais no universo do público infantil e juvenil, envolvendo escola, família e sociedade, são assuntos que devem ser discutidos de forma frequente entre o público infantil para que a criança aprenda a ser educada como um adulto mais humano e forme uma identidade longe de estereótipos e preconceitos quanto às pessoas com deficiências, como as físicas; que aprendam que o sentido das relações está na amizade, nos sentimentos e nas experiências que se compartilham, que o importante é a essência das pessoas, não as aparências

Portanto, a Literatura de Palacio trata de textos que visam à formação, à conscientização de seus leitores e os permite refletir acerca das atitudes, pensamentos e concepções ao diferente e ao semelhante.

REFERÊNCIAS:

ALVES, C. de M.; CASTRO, J. G. de O. Pilar & Ofélia: dois olhares sobre o brinquedo na infância. In: SANDANELLO, Franco Baptista [et al] (Orgs). **Anais do 1º Congresso Internacional de Letras**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017. Disponível em: <http://www.conilufma.com.br/downloads/2017/anais-ICONIL-UFMA.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GIROTTI, C. G. G. S. Educação literária é coisa séria? Quando a literariedade e a narratividade ressoam nas práticas de escuta e leitura na infância. In: SOUZA, R. J. de [et al] (Orgs). **A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

PALACIO, R. J. **Somos todos extraordinários**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

POTTI, G. Pedagogia do sentimento: a incipiente atividade crítica da literatura infantil. **Revista Discutindo Literatura Especial** – Literatura Infantil e Juvenil: conquistas de um dos gêneros que mais cresce no Brasil, Escala Educacional, São Paulo v. 3. p. 18- 21, 2008.

SAMPAIO, Márcia Maria Vasconcelos. Narrativas sobre bullying: relatos de alunos de uma escola pública de Belém. In: ALVES, Cristiane de Mesquita (Org). **Experiências de leitura e de escrita na escola: práticas e propostas de ensino de línguas e de literatura em sala de aula**. São Paulo: Todas as Musas, 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Cristiane de Mesquita Alves é Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA/Bolsista PROSUP/CAPES). Professora da Universidade do Estado do Pará. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens e Tecnologia (CNPq/UEPA). Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (UNAMA). <http://lattes.cnpq.br/6616269685664014> / <https://orcid.org/0000-0002-1723-9611>

Gabriele de Lima Gonzaga é Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus XI- São Miguel do Guamá.

Mayane Vieira de Assunção é Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus XI- São Miguel do Guamá